



História do Português Brasileiro

Ataliba T. de Castilho

(coordenador geral)

VOLUME III

MUDANÇA FÔNICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dermeval da Hora

Elisa Battisti

Valéria Oliveira Monaretto

(coordenadores)



editoracontexto

Programa de Pós-Graduação
em Letras da UFRGS/CNPq

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
<i>Valéria Oliveira Monaretto</i>	
INTRODUÇÃO	13
<i>Dermeval da Hora e Elisa Battisti</i>	
PRESSUPOSTOS BÁSICOS PARA UMA CARACTERIZAÇÃO FONOLÓGICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	34
<i>Silvia Figueiredo Brandão e Dinah Callou</i>	
VOGAIS PRETÔNICAS	60
<i>José Magalhães</i>	
MONOTONGAÇÕES E DITONGAÇÕES	78
<i>Maria Bernadete Abaurre</i>	
APAGAMENTO E VOCALIZAÇÃO EM CODA SILÁBICA	108
<i>Julienne Lopes Pedrosa e Rubens M. Lucena</i>	
SEQUÊNCIAS MEDIAIS DE OBSTRUENTES	138
<i>Valéria Oliveira Monaretto</i>	
METÁTESE	158
<i>Dermeval da Hora e Stella Telles</i>	
HIPOSEGMENTAÇÃO DE SEQUÊNCIAS COM CLÍTICOS	180
<i>Elisa Battisti</i>	
ACENTOS EM NOMES	198
<i>Gladis Massini-Cagliari</i>	
REPRESENTAÇÃO DAS VOGAIS PRETÔNICAS NOS LIVROS DO TOMBO	226
<i>Célia Marques Telles</i>	
HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA COMO INDÍCIO DE UMA MUDANÇA HISTÓRICA	258
<i>Leda Bisol</i>	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	279
OS AUTORES	295

APRESENTAÇÃO

Valéria Oliveira Monaretto

Este volume sobre mudança fônica faz parte do material produzido para a construção de uma obra de referência sobre a história do português brasileiro, proposta no VIII Seminário do projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB), em maio de 2010, na Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa.

É composto pela “Introdução” e por dez capítulos, que trazem levantamentos e discussões de aspectos de variação e de mudança fonológica da língua portuguesa, com base em *corpora* escritos. Sete desses tratam de pesquisas com dados do *corpus* comum mínimo do PHPB das diferentes regiões que compõem o referido Projeto.

Outros *corpora* de língua escrita em sincronias passadas também são analisados em alguns dos trabalhos deste volume, com o objetivo de se ampliar o número escasso de dados, buscando-se uma melhor representatividade de hipóteses e de conclusões em material de difícil interpretação linguística. Produções individuais dos membros das equipes regionais do Projeto, em forma de livros, partes de teses e de dissertações, integram o quadro teórico tipológico-textual do PHPB nacional à disposição da comunidade científica. Sobre o *corpus* do PHPB, ver o volume I desta série.

Ouvir o inaudível é o maior desafio nas investigações que ora se apresentam neste volume. Os dados de escrita são complexos. Recuperar o som a partir de letras e sinais gráficos para interpretar variação e mudança linguística, em especial a fonológica, exige cuidados e estratégias especiais. Por isso, os dados obtidos pelos *corpora* analisados são tratados como *indícios* ou *pistas* de pronúncias de ocorrências de alguns processos fonológicos, presumivelmente auscultadas. Os fenômenos abordados são: variação em vogais médias pretônicas, monotongação; ditongação; apagamento e vocalização em consoantes em final de sílaba e em sequências mediais de obstruintes; transposição de róticos; junção de palavras com clíticos e acentuação.

Ao longo dos últimos cinco anos, aproximadamente, foram realizados encontros para discussão do desenvolvimento dos trabalhos deste volume na Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais, em 2014, sob condução de José Magalhães, e na Universidade Federal da Bahia, em Salvador, em junho de 2015, organizado por Célia Telles, contando com a presença de palestras, de debatedores e de público em geral. Os autores aqui reunidos, pesquisadores de diferentes universidades do país, renomados na área de descrição e análise fonológica do português brasileiro, trazem suas contribuições para um dos objetivos principais do PHPB: o de se construir a história do português brasileiro. As questões linguísticas abordadas são pertinentes, atuais e ilustram possibilidades e alternativas de análise teóricas da Fonologia moderna, o que se espera de uma obra de referência.

Este volume foi organizado como segue.

A “Introdução”, de autoria de Dermeval da Hora e de Elisa Battisti, apresenta uma visão geral e panorâmica de teorias e linhas de análise de mudança fônica desde os fundadores da Linguística Histórica no século XIX até os dias atuais, trazendo referências bibliográficas clássicas de destaque no meio acadêmico científico, proporcionando ao leitor uma contextualização sólida e ampla do desenvolvimento de estudos na área.

O capítulo “Pressupostos básicos para uma caracterização fonológica do português brasileiro”, de autoria de Silvia Figueiredo Brandão e Dinah Callou, mostra de um lado a coexistência nessa variedade de processos que indicam a continuação de fenômenos variáveis registrados no português europeu, e, de outro, as inovações decorrentes de múltiplos fatores de cunho estrutural e social. Assim, são quase certos exemplos de conservação as vogais pretônicas /e/ e /o/ e dos ditongos /ei/, /ai/ e /ou/. São aspectos fonéticos inovadores as vogais pretônicas, no que diz respeito ao timbre e à abertura, os processos de ditongação, o cancelamento da coda silábica externa e o desfazimento de sequências de obstruintes. Entre os casos duvidosos, as autoras inscrevem a comutação da lateral pelo tepe e a metátese.

O capítulo “Vogais pretônicas”, de autoria de José Sueli Magalhães, aborda os principais processos variáveis atuantes nas vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica, por meio de um levantamento de dados em uma série de documentos de natureza variada. Os fenômenos abordados confirmam a complexidade do sistema vocálico pretônico do português brasileiro, como uma de suas características, em oposição ao sistema do português europeu, atestando a variabilidade constante ao longo da história da língua.

O capítulo “Monotongações e ditongações”, de Maria Bernadete Marques Abaurre, contempla, em um grande conjunto e variado de documentos, dois processos envolvendo a supressão e a inserção de vogais assilábicas (*glides*), como ocorre, por exemplo, em palavras como *caxa* por *caixa* e *meis* por *mês* respectivamente. O texto traz as principais referências da literatura acerca da origem e desenvolvimento dos ditongos do português desde o latim, assim como os estudos sobre variação e discussões modernas pertinentes em relação à representação e a comportamento fonológicos.

Juliane L. R. Pedrosa e Rubens Marques de Lucena consideram, no capítulo “Apagamento e vocalização em coda silábica”, esse tema e levantam indícios do comportamento variável da coda silábica em cartas de cunho pessoal, bilhetes e documentos oficiais escritos em português brasileiro (PB) entre o início do século XIX e início do século XX. Destacam-se especificamente dois processos que atuam na coda silábica na oralidade do PB atual e atestados por diversas pesquisas com base em um recorte sincrônico da língua (Callou, 1987; Paiva, 1996; Monaretto, 2000, entre outras): o apagamento da vibrante (*serviço* ~ *se[Ø]viço*, *amar* ~ *ama[Ø]*); do /s/ (*mesmo* ~ *me[Ø]mo*, *dois* ~ *doi[Ø]*); ou do /l/ pós-vocálico (*soldado* ~ *so[Ø]dado*, *mal* ~ *ma[Ø]*) e a vocalização da lateral (*soldado* ~ *so[w]dado*, *mal* ~ *ma[w]*). Constatou-se que o apagamento do /R/ foi o fenômeno mais recorrente. Os casos de apagamento do /s/ e do /l/, menos frequentes, corroboram tendências do estágio atual do PB. Os casos de vocalização foram insuficientes para sustentar generalizações. Verificou-se comportamento diferenciado da coda final e da coda medial: tanto no que se refere ao apagamento de /R/ quanto ao de /s/, a coda final mostrou-se consistentemente uma posição mais débil e, por essa razão, mais propícia à supressão de segmentos, o que sugere um tratamento diferenciado dessas duas posições silábicas.

O capítulo “Sequências mediais de obstruintes”, de autoria de Valéria Oliveira Monaretto, trata igualmente de consoantes, mas em contextos linguísticos e tipo de consoantes (obstruintes) diferentes do capítulo anterior. Na passagem do latim para as línguas românicas, muitas sequências de consoantes adjacentes formadas por obstruintes no interior de palavras (C_1C_2) foram modificadas. A história do português mostra que o ditongo /ei/ (*nocte* > *noite*, *regnu* > *reino*, *acceptu* > *aceito*) foi criado pela vocalização da primeira consoante. O processo de simplificação de C_1C_2 não agiu uniformemente em todas as palavras. Algumas dessas mantiveram a sequência de consoantes, como em *óbvio*,

técnica, admirar, amnésia, afta etc. Outras perderam a primeira consoante da sequência, como em *sinhal* (< *signale*) e em *fato* (< *factum*), por exemplo. Há registros de variações de grafia de palavras com a presença e a ausência dessas consoantes, evidenciando flutuações e instabilidade. Casos como *assignatura* ~ *assinatura*, *subtil* ~ *sutil* e *corrupto* ~ *corruto*, entre outros, são comuns na escrita do português desde muitos anos. Com base em um exame grafológico dos *corpora* do projeto PHPB, esse capítulo procura observar que sequência medial de obstruente é mais frequente e se esse contexto ainda é bastante utilizado no português brasileiro atual.

O capítulo “Metátese”, de autoria de Dermeval da Hora e Stella Telles, trata desse fenômeno na história do PB. Os casos analisados em diferentes variedades da língua e em diferentes séculos (XVII-XX) indicam que a metátese é diacrônica e não aleatória ou irregular. O estudo se fundamentou nos trabalhos de Hock (1985), Blevins e Garrett (1998, 2004) e Hume (2001, 2004). A recorrência do fenômeno em textos históricos oficiais, os quais são presumivelmente representantes de variedade de prestígio, fortalece a hipótese de que a metátese no passado ocorria largamente como regra variável, não condicionada socialmente. Os dados sinalizam também que, diferente do que é largamente assumido nas descrições contidas em gramáticas históricas, o fenômeno da metátese no processo evolutivo do PB, pelo menos considerando as variedades observadas, não se restringia entre os séculos XVII-XIX a variedades menos cultas, e não correspondia a “erros/lapsos” de fala. Apesar disso, não se pode considerar a metátese como um fenômeno tipicamente regular, uma vez que sua ocorrência é variável num mesmo texto e sua frequência depende do autor. A avaliação diacrônica associada ao comportamento sincrônico da língua evidencia, por fim, que fatores de natureza sociolinguística são relevantes para alcançar uma explicação satisfatória do fenômeno de metátese no PB.

O capítulo “Hipossegmentação de sequências com clíticos”, escrito por Elisa Battisti, trata de um tipo de segmentação não convencional de palavras escritas, a hipossegmentação (ausência de espaço em branco), em sequências que envolvem ao menos um clítico (*medisse, damesma, eas pessoas*). Examinam-se documentos redigidos em português por brasileiros nos séculos XIX e XX com o objetivo de verificar se a hipossegmentação obedece a algum padrão e se esse traz indícios da organização prosódica envolvendo clíticos em vigor na língua desde o século XIX. Verifica-se que a hipossegmentação tende a ocorrer (a) nas sequências de um clítico e hospedeiro, predominantemente com hospedeiros

paroxítonos dissilábicos ou monossílabos tônicos iniciados por consoante; (b) nas sequências de dois clíticos e hospedeiro, predominantemente com os próprios clíticos; (c) com clíticos situados à esquerda do hospedeiro (adjunção do clítico para a direita). A adjunção à direita afeta tanto clíticos pronominais quanto não pronominais e parece consolidada no século XIX. O emprego de maiúscula no início do hospedeiro em sequências hipossegmentadas revela que os escreventes percebem o limite de palavra (*naEuropa, oBarão, deSanto Amaro*). A hipossegmentação entre clíticos sugere que essa se relacione a uma exigência de minimalidade binária na concepção de palavra.

O capítulo “Acentos em nomes”, de Gladis Massini-Cagliari, pretende dar uma visão diacrônica do percurso da acentuação dos nomes e demais categorias não verbais no português brasileiro. Consideram-se as origens desse fenômeno prosódico, sua realização no português registrado em documentos do Brasil dos séculos XVIII e XIX e a localização do acento nas palavras, em sua forma atual, nas variedades de português faladas no Brasil. Adota-se uma metodologia baseada na comparação dos padrões existentes em períodos anteriores e posteriores com os padrões localizados nos textos contidos no *corpus* do PHPB. Analisam-se documentos de menor formalidade e, portanto, mais próximos à materialidade da fala: cartas, atas de uma associação e outros textos escritos por mãos “inábéis”, segundo Oliveira (2009). Constata-se que nenhuma pauta acentual diferente das que já ocorriam no português arcaico e das que atualmente ocorrem no PB foi localizada. Pelo menos em termos de tendências gerais, o posicionamento do acento dos nomes e demais itens lexicais não verbais já se apresentava estabilizado no período oitocentista/novecentista, tendo um comportamento semelhante ao atual.

As vogais pretônicas voltam à discussão neste volume, por meio dos próximos dois capítulos.

O capítulo “Representação das vogais pretônicas nos *Livros do Tombo*” foi escrito por Célia Marques Telles. Em continuidade ao estudo da grafia das vogais átonas que se vem fazendo na *scripta* dos *Livros do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia, e assumindo-se que o escrito não pode representar globalmente todo o fonético, avaliam-se indícios da realização das vogais em posição pretônica. Busca-se identificar e classificar os diferentes processos aí documentados. As variações gráficas mostram uma interferência da fala na escrita. A análise da distribuição contextual das vogais átonas, considerando-se a sua posição na sílaba, é apenas satisfatória pela quantidade de dados re-

gistrados. Acredita-se estar diante de um fenômeno linguístico em processo, como se pode comprovar pelos fatos gráficos, mas que se apresenta, ainda, como variação livre.

Em sequência, o capítulo denominado “Harmonização vocálica como início de uma mudança Histórica”, de Leda Bisol, focaliza esse processo de assimilação comum às línguas humanas, que tem por contexto a pauta pretônica, a exemplo de *menina* ~ *minina*, *coruja* ~ *curuja*, e que esteve presente no português europeu desde sua infância a seus tempos áureos, que se iniciam com Camões, incrementando-se junto à língua com o andar dos tempos até meados do século XVIII, declinando a partir daí para desaparecer do português europeu no século XIX, continuando, todavia, no português brasileiro. Desde então, ela se impõe como um divisor de águas: o português brasileiro que a preserva, de um lado, e o português europeu que a negligencia, de outro, dois dialetos da mesma língua.

Finalizando, as descrições e interpretações dos processos fonológicos do português brasileiro, investigados de forma diacrônica por meio do *corpus* mínimo do PHPB, não têm a intenção de serem exaustivas e definitivas. Os fenômenos fonológicos, discutidos neste volume sobre mudança fônica, continuam presentes na língua com perspectiva de desenvolvimento lento, como uma das características de sua natureza. Os dados dos *corpora* do PHPB demonstraram ser de extrema valia para hipóteses e suposições acerca do comportamento fonológico diacrônico do português brasileiro. Eis, pois, parte da história aqui contada.